

Crônicas da Escuridão

Fabício Dutra Martins

Crônicas da Escuridão



Crônicas da Escuridão

Copyright © 2013, Fabrício Dutra Martins
Todos os direitos são reservados no Brasil



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
Faça seu pedido pelo site: www.podeditora.com.br

Diagramação e Capa:
Luiz Claudio Furtado

Foto de Capa:
iStockPhotos

Impressão e Acabamento:
Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M343c

Martins, Fabrício Dutra

Crônicas da escuridão / Fabrício Dutra Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2013.

152 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-8225-018-1

1. Conto brasileiro. I. Título.

13-01155

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Nota do Autor

Medo. Uma palavra comum no nosso dia-a-dia como tantas outras. Porém, ao longo da vida, esse sentimento nos atinge de variadas formas e nos causa diferentes reações. Mas uma coisa é certa: o medo sempre existe e ninguém consegue escapar dele.

Quando crianças sentimos medo de um quarto escuro, do barulho do trovão ou simplesmente do arrastar de uma porta.

Quando jovens temos medo de nos sentirmos rejeitados, ignorados pelo grupo que convivemos. Assim, fazemos coisas estúpidas para sermos notados e aceitos.

Na idade adulta, temos medo de não atingirmos nossos objetivos, nossas metas, nossos planos. Temos medo de não sermos mais um referencial na vida dos filhos e passamos boa parte do tempo imaginando como seria nossa vida se fizéssemos tudo diferente.

Na velhice, temos medo da solidão, de sermos esquecidos por aqueles que amamos, já que não temos mais força para lutar contra a própria vida que se esvai de nós lentamente.

Nesta obra existe uma série de contos, capazes de nos fazer lembrar algum medo da infância ou da juventude. Fazer roer as unhas ou simplesmente pensar como a Humanidade pode ser má consigo mesma.

Mas talvez possa nos ensinar a enfrentar esses medos que aparecem em determinado momento da vida. Encará-lo de frente é a melhor maneira de combater aquilo que achamos impossível de vencer.

O Autor

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado força para concluir esta obra que sempre almejei escrever.

A meus pais, que sempre me incentivaram a escrever desde a mais tenra idade.

A minha esposa, pelo apoio diário que sempre me dispensou.

À professora de Língua Portuguesa Bruna Mendes pela sua inestimável contribuição, corrigindo as histórias.

Aos desenhistas Luiz Victor, Cowboy e Srta. Luana Dallier pela ajuda na elaboração da capa desta obra.

Sumário

A floresta das almas	11
O espantalho	16
A vingança de Cassandra	19
O Museu da Agonia	22
Acorrentados para sempre	24
O gnomo	27
O pântano dos esquecidos	31
O portal	33
O último encontro	37
Por trás do espelho	40
A casa de campo	44
O jardim secreto	49
Entre a luxúria e a dor	52
Um banquete diferente	57
O suave beijo da morte	63
Histórias do além	67
O mistério da coruja branca	72
A criatura da penumbra	75
A caverna	80
Terror na Escandinávia	83
O reflexo do mal	89
O legado	95
Lanchonete do Inferno	101
Com olhos de vampiro	106
A bruma	110
Abismo negro	114
O senhor das sombras	117
Sacrifício	120

O desenhista	125
Estranhos Manequins.....	130
O último uivo do lobisomem	134
Invasão silenciosa.....	141
A prisão dos horrores	146
Lua negra.....	150

A floresta das almas

Dois casais se reuniram para passar um fim de semana num lugar sossegado, próximo da Natureza, fugindo do estresse da cidade grande.

Ouviram falar dum secreto bosque que havia numa isolada região do Estado em que moravam. Seriam horas de estrada, mas não ligaram, pois queriam descansar um pouco e fugir da rotina. Só pensavam nos piqueniques e nas noites relaxantes que teriam. Barulho, só dos animais.

O calor era intenso. O sol assolava aquela região. A estrada asfaltada cortava o interior do Estado, dividindo em duas partes uma imensa floresta. Era um cenário bucólico e belíssimo. Não havia casas e nem pessoas andando por ali. Estavam completamente sozinhos.

Pararam para abastecer o carro num pequeno povoado, alguns quilômetros a frente. O frentista parecia um tanto carrancudo e então um dos jovens puxou assunto, perguntando-lhe sobre o bosque que havia naquela região. O frentista respondeu-lhe com a cara amarrada, dizendo que não sabia do que ele estava falando. Era a hospitalidade carismática do leste, disse uma das jovens que o acompanhava. Entraram no carro e partiram. O olhar do frentista acompanhava o carro que sumia segundos depois naquela bela estrada conservada.

Chegaram ao seu destino no final daquela tarde. Saltaram do carro e logo trataram de arrumar as suas respectivas barracas. A tarde caía de forma espetacular. O céu apresentava uma cor rosada e nuvens douradas percorriam vagorosamente o espaço. Mudavam de cor conforme as horas passavam. Algumas aves sobrevoavam aquele descampado onde estavam e acompanharam a chegada da noite, embalados por um afinado violão e uma fogueira reluzente, que liberava esporadicamente brasas alaranjadas esvoaçantes.

A noite chegava com uma magnífica lua no céu. As diminutas estrelas cintilavam no firmamento. O clima de romantismo estava no ar.

Os casais se despediram e foram dormir. O dia seguinte seria de pura diversão. Queriam aventurar-se, descobrindo um pouco mais sobre aquele lugar mágico e acolhedor em que estavam.

A manhã nasce com um belo sol vermelho nas montanhas ao longe. Alguns pequenos animais pastavam na relva verdinha molhada pelo orvalho que caía de madrugada. Tomaram café, arrumaram tudo e seguiram bosque adentro, embrenhando-se cada vez mais naquele

verdejante ambiente. Seriam horas de caminhada, aproveitando cada segundo, respirando ar puro e ouvindo os ruídos dos seres que ali viviam. Estavam radiantes por estarem num local preservado, repleto de animais soltos sem temer a ação maléfica do homem.

Durante o caminho, ouviram um relaxante barulho de água. Era uma cachoeira. A água despencava de uma razoável altura, quebrando-se em grandes rochas arredondadas. Logo abaixo, uma piscina natural formada com o acúmulo das águas. O rio descia veloz e serpenteava todo o vale e lá no fundo contemplaram o tão esperado bosque, aparentemente intocado.

O calor já incomodava naquela manhã. O céu muito azul e poucas nuvens brancas os convidavam para um maravilhoso banho de cachoeira. Era exatamente aquilo que eles precisavam para recarregar suas energias e voltarem renovados para o agito da cidade grande. Refrescaram-se por horas naquelas águas.

Andaram seguindo o rio até chegarem ao bosque. Era um ambiente realmente divino. Os raios de sol penetravam suavemente por entre aquelas árvores, criando pequenas sombras que se mexiam vagarosas ao sabor dum vento morno e suave. Pássaros cantavam nos galhos das árvores. Encontraram definitivamente um local para passarem aquela noite. Tudo era perfeito e maravilhoso.

Anoitecia. As altas copas das árvores bailavam calmamente. Podiam ver acima delas, algumas estrelas que reluziam no manto negro e infinito da noite.

Contudo, eles começaram a ouvir vozes que partiam de dentro daquele bosque. Era como se milhares de pessoas estivessem ali. Vozes de dor. Vozes de agonia.

O desespero era contagiante e aumentava a medida que aumentavam também o som daquelas vozes assombradas. Tentavam em vão, enxergar algo naquele breu. Não viam nada. Somente os ouvidos eram capazes de captar aqueles medonhos sons.

Eles abandonaram o acampamento, gritando por socorro. Gritando por alguém. Alguém que nunca apareceu.

Quanto mais eles entravam no bosque, mais vozes eram ouvidas. Era um cenário realmente assustador.

Corriam na escuridão da noite. As sombras agora eram projetadas pelo brilho do luar. O vento balançava com força os galhos das árvores que produziam um estranho ruído. Os jovens estavam aterrorizados.

De repente, demasiadamente apavorada e cansada de tanto correr, uma das jovens tropeça em uma grande raiz exposta na superfície. Ela

cai e se fere na perna. Grita pelos outros, mas não consegue mais ouvi-los. É subitamente apanhada e desaparece.

Os outros clamam por ela chamando seu nome. Buscam por ela gritando nas trevas. Um a um, são apanhados por uma força maligna e desconhecida que vivia no interior daquele bosque.

Pela manhã, mais uma vez, o sol nasce radiante. Num canto afastado daquele misterioso bosque, uma imensa árvore frondosa protegia quatro frágeis mudinhas que nasciam vigorosas em sua sombra.

O pelotão amaldiçoado

Berlim. 1948. A Alemanha vivia a ocupação das potências vencedoras do conflito que exterminou mais de vinte milhões de vítimas. O nazismo havia sido derrotado.

Arqueólogos franceses vasculham ruínas da cidade, na busca por relíquias do Reich.

Eles sabiam que o próprio Adolf Hitler era um apaixonado entusiasta pelo ocultismo e magia. Colecionava artefatos, papiros e imagens de lugares que conquistara na Segunda Guerra Mundial.

O antigo Império Alemão, agora destruído, possuía um departamento inteiro destinado a essas coleções históricas. Os nazistas catalogavam e armazenavam essas preciosidades em grandes caixas. Para os intrépidos franceses, era como procurar uma agulha no palheiro. Mas estavam determinados.

As ruínas cobriam toda Berlim. Era muito difícil localizar os antigos ministérios nazistas outrora suntuosas construções. O bombardeio dos Aliados sobre a cidade fora devastador.

A cidade partida por França, Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética era patrulhada constantemente por regimentos armados e cães. O tráfego de pessoas era muito limitado, mesmo se tratando de cientistas e historiadores.

Meses tentando localizar os departamentos de Hitler, eles finalmente conseguiram encontrar o famoso Departamento de Ciências Ocul-tas, caracterizado por um símbolo do infinito.

Era um prédio parcialmente destruído, que possuía três andares. Sua construção lembrava um velho sobrado muito comum na periferia de várias cidades alemãs. Os mais obscuros segredos do Reich estavam

prestes a serem desvendados, no momento em que os corajosos arqueólogos franceses adentrassem aquele espaço arrasado e misterioso.

Com muito esforço, conseguiram transpor imensos blocos de concreto, vergalhões e madeira que espalhados, corroíam-se com o tempo. Era verdadeiramente um cenário de pós-guerra muito comum em outras localidades da Alemanha como Munique, Frankfurt, Hamburgo e Stuttgart.

Subiram os degraus que os separavam do primeiro andar do prédio, que funcionaria como um saguão. A escuridão do lugar era parcial, já que os raios de sol invadiam alguns metros daquele caótico ambiente. Aquilo nada lembrava o glorioso período nazista. Aquele espaço abandonado, coberto por rachaduras, teias de aranha, infiltrações e condenado por qualquer engenheiro, era sem dúvida um lugar perigoso, prestes a desmoronar.

Desvencilhando-se dos obstáculos que caíram ao longo dos corredores, eles reviravam gavetas abandonadas e empoeiradas, que poderiam conter algum tesouro realmente valioso. A quantidade de papéis e informações contidas somente naquela sala já seriam suficientes para cinco ou dez anos de uma minuciosa investigação arqueológica *in loco*. Porém, eles queriam algo mais concreto. Algo que pudessem levar consigo e com sorte, colocar à mostra em algum museu francês.

Vasculharam cada canto, cada sala daquele imenso prédio. O trabalho era árduo, mas muito recompensador. Era uma verdadeira aula de História e Arqueologia em pequenos pergaminhos, escrituras, mapas e esquemas. Era fascinante o seu trabalho e mais fascinante ainda, era a maneira apaixonada com a qual os especialistas do Reich cuidavam do assunto.

O trabalho levou dias. No fim, estavam exaustos, mas satisfeitos com descobertas que revolucionariam a maneira de encarar o ocultismo.

Voltando ao primeiro andar do prédio, observaram que havia uma passagem estreita, obstruída por destroços de um possível desmoronamento recente. Era sem dúvida uma câmara secreta que os levaria a um outro pavimento, localizado no subsolo daquele edifício. Seus corações palpitarão com tamanha descoberta e não hesitaram em desvendar seus possíveis segredos.

Iluminando aquele espaço escuro, vislumbraram uma escada que seguia para um lugar, até então, jamais imaginado por eles. Essa escada não era tão segura quanto parecia. Na verdade, estava parcialmente destruída pelo tempo, devido à ação da umidade e dos cupins que com toda a certeza a faziam de alimento.

Com muito esforço, conseguiram chegar ao porão daquele lugar. Era um lugar gigantesco. Também era perturbador saber que poderiam haver centenas de maravilhas arqueológicas espalhadas por inúmeras salas e galerias, se perdendo com a ação implacável do tempo. Mas, só a descoberta daquele porão representava um verdadeiro achado histórico. Estavam orgulhosos de sua descoberta. Seriam reconhecidos no mundo inteiro por sua incrível façanha.

Puderam ver que havia coleções inteiras do Norte da África, Oriente Médio e América do Sul, já que os alemães pagavam alto por qualquer grande relíquia arqueológica descoberta ao redor do mundo. Isso foi uma prática muito comum no período áureo do Nazismo.

A maioria das peças ali existentes eram de conhecimento dos franceses. Eles sabiam que muitas delas deixaram de tê-las por conta da desleal concorrência dos alemães, que recrutavam não só arqueólogos, como também mercenários e piratas modernos para pôr as mãos nesses tesouros.

Conforme eles desbravavam aquelas salas, mais a sua curiosidade aguçava. Sabiam que estavam perto de descobrirem o maior achado arqueológico de toda a História. Jamais desistiriam de sua empreitada. Estavam decididos ir até o fim em sua expedição.

Cansados, mas envolvidos por um sentimento de curiosidade e cobiça, os franceses finalmente encontraram o mais precioso dos tesouros nazistas.

Era um lindo artefato de um deus hitita. Uma cabeça petrificada que datava milhares de anos. Não sabiam ao certo que deus era, mas sabiam que era dos antigos hititas que povoaram o Oriente Médio há muito tempo.

Encantados com a descoberta trataram de retirá-la logo dali, antes que o prédio desmoronasse. Mas o que se seguiu foi terrível.

Ao tocarem no ídolo, este abriu os olhos e emanou uma intensa luz azulada. Espantados, os arqueólogos afastaram-se subitamente. Não entenderam o comportamento de um ser inanimado feito de pedra.

Ouviram um barulho ensurdecedor do lado de fora do prédio. Acreditavam que este havia desmoronado por completo. Sua única passagem foi completamente bloqueada por imensos blocos de cimento e madeira. Seria impossível removê-los.

Uma espessa e sufocante poeira escureceu aquele porão em que estavam. Era difícil respirar diante de uma nuvem de detritos que agora descera para o pavimento em que estavam.

Ouviram passos ecoarem na escuridão daquele lugar. Eram passos

arrastados. Pesados. Passos estranhos já que eram os únicos a estarem ali naquele momento. Suas lanternas iluminavam com dificuldade sob aquele manto de poeira. Era praticamente impossível enxergar um palmo à frente.

Com muito custo, iluminavam gradativamente, silhuetas humanas que se arrastavam lentamente em sua direção. Produziam um som horrendo como se estivessem gemendo de dor.

Ao iluminarem seus rostos, perceberam que se tratavam de zumbis. Eles vestiam uniformes militares com a clássica suástica nazista. Possuíam uma pele esbranquiçada e muitos ferimentos pelo corpo. Seus olhos não tinham vida. Eram totalmente brancos e parcialmente comidos por ratos que perambulavam por aquele sinistro porão.

Sem saída, os arqueólogos buscavam um refúgio inútil em outras salas. De lá saíam mais e mais zumbis, dos esgotos e das várias catacumbas que cobriam todo o lugar. Logo eram dezenas.

Seus corpos foram arrancados e serviram de alimento para os insaciáveis zumbis que agora, retornavam cobertos de sangue para seu eterno descanso nas profundezas daquele, agora, demolido prédio.

O espantalho

Woodward, uma pequena cidade localizada no Estado de Oklahoma é uma terra de muita labuta. Essencialmente agrária, essa como as demais da região é caracterizada pelo cultivo de trigo. Os camponeses trabalham horas a fio, arando ou colhendo da terra seu sustento.

Apesar disso, as crianças da região sempre encontram um jeito de brincar, correndo por entre as imensas plantações que bailavam ao sabor dum vento morno. Entre eles está o pequeno Brian de oito anos. Um garoto loirinho, alegre e cheio de vida.

Pela manhã, o pequeno Brian e seus coleguinhas pegam o ônibus que os levam até a escola. De lá, só retornavam para o almoço. À tarde, depois dos afazeres escolares, se juntava às outras crianças da redondeza para brincar até a chegada do crepúsculo. Sua família se reunia à mesa, à noitinha para jantar e todos vão dormir bem cedo, antes das nove da noite.

Certa vez, brincando nos trigais, o pequeno Brian ouviu uma história muito antiga que era passada de geração a geração. Ela dizia respei-

to de um demônio que foi expulso desta terra e lançado nas profundezas do Inferno. Como qualquer criança de sua idade, a curiosidade era maior que o seu medo ou das possíveis consequências. Porém, Brian foi impedido de ouvir o restante da história, já que sua mãe o chamava para dormir.

Os dias se passavam lentos e monótonos para todos os cidadãos de Woodward. A rotina cansativa desgastava homens e mulheres da região. Mas não as crianças que buscavam, nas ensolaradas tardes, momentos de puro contentamento.

Em um dia comum, Brian andava despreocupado pela fazenda de seu pai, até chegar ao celeiro, onde era guardada ferramentas do dia-a-dia e outras miudezas. No fundo deste celeiro, havia uma escada velha e empoeirada que levava ao sótão. Sem pestanejar, Brian subiu vagarosamente, se desvencilhando das inúmeras teias de aranha que haviam ali.

Ao chegar no sótão, num canto esquecido, estava um velho baú da família que continha fotografias e outras memórias do passado. Por sorte, a chave muito enferrujada, estava no cadeado. Brian não hesitou em abri-lo.

Um cheiro de mofo cobriu momentaneamente aquele espaço, mas não foi suficiente para afastar a criança de sua inocente curiosidade. Seu coração batia acelerado, pois sabia que fazia algo proibido. Seus pais sempre o proibiram de ir ao velho celeiro, mas num súbito momento de descuido do casal, o menino estava lá.

Observava as velhas fotografias amareladas pelo tempo, com um sentimento de satisfação e respeito. Seus ancestrais estavam ali, trajando fraques e vestidos longos, tão incomuns para a nossa época. Ele ria diante de roupas tão extravagantes e engraçadas.

Entediado com tantas memórias fotográficas, o garoto observara um livro de capa avermelhada e parcialmente comido por traças no fundo daquele velho baú. Era isso que realmente procurava naquele lugar mal cuidado e cheio de recordações.

Subitamente, fechou o baú e correu, abandonando o celeiro, com a cabeça repleta de teias de aranha, levando consigo o tão enigmático livro. Feliz e satisfeito, Brian escolhera um canto onde não seria importunado, embaixo de um espantalho no meio do campo de trigo. Não se incomodava com o velho espantalho. Para ele, estava ali apenas para amedrontar os corvos que comiam as sementes de trigo.

Caía a tarde em Woodward. O céu alaranjado anunciava a chegada da noite, que amenizaria as temperaturas elevadas da região. Pássaros noturnos já grasnavam ao longe à procura de alimento e o garoto deci-

frava as letras miúdas daquele livro, pronunciando-as vagarosamente em seguida.

De costas para o imundo espantalho, Brian não percebera que o mesmo movia a cabeça. Ele encarou-o e saltou sobre a pobre criança. Tomado pelo pavor, o menino lutava quase sem forças para se livrar dele, acreditando que o vento o tivesse arrancado.

O espantalho encarou-o. Brian emudecera. Os olhos do boneco, vermelhos como brasa ardente, fazia o sangue em suas veias congelarem.

Seus pais preocupados saíram à procura da criança. Rapidamente, outros se juntaram na busca pelo menino. A noite chegara com uma bela lua cheia ao fundo. As tochas iluminavam o caminho enegrecido. Nuvens densas escondiam a senhora da escuridão por alguns instantes, tornando o caminho mais sombrio e difícil.

Em algumas horas, os moradores de Woodward encontraram Brian dormindo agarrado ao velho e imundo espantalho. Seu pai pegou-lhe no colo e levou-o para casa, enquanto os outros homens recolocavam o espantalho em seu lugar.

No meio do caminho de volta para casa, o jovem acordou nos braços do pai e sorriu para ele, prometendo que nunca mais faria algo assim. Não queria mais vê-los tão angustiados. Seu pai beijou-lhe a testa e perdoou-lhe instantaneamente.

Chegando em casa, sua mãe tirou-lhe a roupa e deu-lhe um banho quente. Levou-lhe para o seu quarto e ficou lá até que o pequeno adormecesse.

Ela saiu do quarto de Brian pé ante pé para não acordá-lo e voltou para os braços do marido.

Na escuridão daquele ambiente, a criança abriu os olhos e levantou da cama. Chegou até a imensa janela, contemplando o brilho do luar sobre o trigo ao longe. No canto de sua boca, um pequeno sorriso malicioso. No mesmo momento, isolado no frio da noite, um vento gélido balançava a roupa rasgada e suja do velho espantalho e este, derramou uma lágrima.

A vingança de Cassandra

Patrick era um belo rapaz que aparentava ter seus dezessete anos. Sua beleza atraía a atenção de dezenas de jovens, que desejavam muito ter o seu coração. Sabendo disso, o jovem nunca se importou em magoar os pobres sentimentos femininos. Era implacável e frio com suas “vítimas”. Divertia-se sozinho, ao lembrar dos prantos despencados dos olhos das singelas jovens.

Ele escolhia a mais bela garota das festas que costumava ir. Gostava de se exibir para os outros meninos do bairro, sendo o maior conquistador da região. Era invejado por todos eles pelo seu irresistível poder de sedução.

Na maioria das vezes, bastava dois ou três encontros com as adolescentes para levá-las para a cama. O mais interessante de tudo era que ele não as forçava. Pelo contrário, era convidado por elas.

Certa vez, foi convidado a uma festa na casa de uma de suas antigas paixões e lá conheceu uma bela jovem de pele muito clara e cabelos negros que despencavam até quase a cintura.

Ela não estava só. Conversava animadamente com outras meninas e sorria de forma esporádica. Aquela garota havia encantado Patrick de forma avassaladora. Ele queria possuí-la por alguns momentos. Olhava-a de cima e embaixo com o olhar faminto de homem.

Entretanto, ela não percebia o interesse do rapaz e simplesmente continuava a conversar como se nada ocorresse. Já o rapaz cada vez mais enfeitado, decididamente foi falar-lhe.

As jovens que estavam ao seu redor emudeceram com a presença do rapaz. Seus corações batiam velozmente, por acreditarem que sairiam dali com o mais belo menino do recinto.

Apresentou-se para as garotas que não o conheciam e cochichou algo inaudível para a bela jovem. Esta esboçou um pequeno sorriso e saiu com ele, deixando as outras com um sentimento de perda irreparável.

Seu nome era Cassandra e veio passar as férias na casa de uma prima distante. Muito pomposo, começava o seu “plano de conquista”. Ela, porém não via ameaça alguma nas palavras do rapaz e feliz retribuía com um sorriso largo.

A festa terminava e ambos se despediram dos convidados. Patrick não perdeu a oportunidade de reencontrá-la no dia seguinte.

Marcaram numa lanchonete próxima à escola do jovem. Envolvido pela menina, o rapaz mal prestou atenção nas aulas. O sinal indicando o término do dia letivo naquela escola tocava de maneira ensurdecadora. Meninas e meninos saíam como loucos pelo portão do estabelecimento de ensino e próximo a um muro chapiscado estava Cassandra, à espera do ansioso Patrick.

Quando a viu, o rapaz sorriu como se tivesse ganhado um prêmio valioso. Ela vestia uma calça jeans surrada, bem apertada, mostrando a beleza da silhueta de seu corpo. Trajava uma camisa branca, além de óculos escuros que a tornavam mais interessante para ele. Seus cabelos alvoroçavam ao sabor duma brisa suave. Na mente do rapaz pensamentos puramente insanos. Coisa comum para a idade em que se encontrava.

Antes de saírem, Cassandra beijou-lhe carinhosamente em sua boca. Patrick não esperava a reação da menina, mas adorou a iniciativa. Tudo corria como ele desejava.

Lancharam e curtiram o resto da tarde juntos. Pareciam um casal apaixonado como qualquer outro. À noitinha, acompanhou a jovem até o condomínio onde sua prima morava, num bairro privilegiado da cidade.

No dia seguinte, se encontraram novamente, só que desta vez, Patrick pediu o carro do pai emprestado. Queria levar a menina para uma área mais afastada para ter enfim, um momento de maior intimidade.

No início, ela relutou em seguir o rapaz. Era um local alto, onde havia um drive-in. De lá, contemplaram as diminutas luzes da cidade que cintilavam ao longe. No interior do veículo, uma música lenta tocava, enquanto o casal namorava.

Cassandra era de uma família tradicional cigana. Seus pais jamais perdoariam a jovem se esta perdesse a virgindade antes do casamento. Naquele momento, ela percebeu as reais intenções do rapaz e pediu-lhe que a levasse para casa.

Um pouco contrariado por não conseguir o que queria, Patrick concordou e levou-a de volta ao conjunto de prédios. O silêncio imperava dentro do carro e despediram-se contidamente.

Frustrado por perder a oportunidade de realizar seus desejos eróticos, Patrick entrou em casa e calado entregou as chaves do carro para seu pai. Deitou-se e ficou por um bom tempo pensando como seriam os momentos de prazer com a jovem Cassandra. Adormeceu e logica-

mente sonhou com a moça.

No dia seguinte, pela manhã, logo depois do desjejum, a campainha toca na casa de Patrick. Era Cassandra que carregava consigo uma linda caixa aveludada, envolta por uma fita cor de rosa. Entregou-lhe o presente, agradecendo os momentos felizes que tiveram juntos. Despediu-se dizendo que viajaria naquela tarde para a sua cidade-natal.

Tomado pela emoção, Patrick abraçou-a fortemente e pediu-lhe perdão pelo mal que poderia ter lhe provocado na noite anterior.

A menina descia as escadas sem olhar para trás, enquanto uma va garosa lágrima escorria da face do rapaz. O jovem estava irremedia velmente apaixonado por ela, algo improvável até então.

Fechou a porta de sua casa e por uma fresta, observava a jovem atravessar a rua para depois desaparecer para sempre numa esquina distante. Correu para seu quarto, encostou-se em sua cama e instantaneamente abriu a caixa.

Lá continha um pequeno coração dourado, envolvido por uma linda corrente de ouro. Alegrou-se ao ver aquele singelo presente. Abriu-o e deslumbrou-se com uma linda foto do rosto de Cassandra. Teria a imagem dela para sempre, pensava ele.

Colocou sem pestanejar a corrente em seu pescoço, enquanto abria uma pequena carta escrita por ela. Ao ler as palavras escritas naquele papel, marcado pelo batom da moça, sentiu uma pontada muito forte em seu coração.

No bilhete dizia: ***MEU AMOR, EU SEI QUE VOCÊ NUNCA AMOU NINGUÉM NESTA VIDA! SEI TAMBÉM QUE CONQUISTEI ALGO QUE VOCÊ NEM AO MENOS SABIA QUE EXISTIA: UM CORAÇÃO PURO E VERDADEIRO. ESTE CORAÇÃO PERTENCERÁ A MIM PARA SEMPRE!***

O menino sentia um peso subir-lhe pelos braços e as pernas. Não conseguia se mover mais. Seu coração batia cada vez mais lentamente. Observava perplexo, as extremidades de seu corpo escurecendo e tornando-se cada vez mais rígidas.

Fora imobilizado completamente. Foi incapaz de gritar. De pedir socorro aos seus pais que estavam no quarto ao lado.

Estranhando o silêncio, sua mãe foi verificar se o filho estava bem. Ao abrir a porta deparou-se com uma figura petrificada de boca aberta encostada na cama clamando silenciosamente por ajuda. No peito, um pingente em forma de coração com uma linda menina sorrindo.

O Museu da Agonia

Estudantes de História da Arte terminavam o semestre. Seu professor sugeriu que a turma visitasse algum país do Velho Continente, repleto de antiguidades históricas para observarem *in loco* toda a teoria que tiveram na Faculdade.

A maioria da turma, já saturada com tantas informações sobre museus, monumentos e obras de arte sugeriram algo mais agitado, como as badaladas praias do Mar Mediterrâneo como por exemplo, Nice, Marselha, Monte Carlo ou Atenas. Seria diversão garantida. Afinal de contas eles mereciam, pois o ano foi muito desgastante para todos.

Todos toparam a ideia, exceto três sisudos estudantes que levavam o curso muito a sério. Eles tinham em mente, um outro itinerário que os levariam até a Europa Oriental.

Antes das férias, pesquisaram profundamente sobre os países que compunham a região. Países com grande riqueza histórica e arquitetônica. Escolheram Praga, capital da antiga Tchecoslováquia, agora rebatizada de República Tcheca, no coração do Leste Europeu.

Informou o destino escolhido ao seu professor e este ficou muito satisfeito, dizendo que não só Praga, mas como outras cidades tchecas possuíam farto material histórico espalhado por centenas de museus, praças e monumentos.

Na data prevista, embarcaram rumo ao mais importante trabalho de campo que tiveram até então. Durante a viagem, conversaram sobre a imaturidade da turma, já que o mercado de trabalho escolhe somente os melhores profissionais. Teriam momentos de lazer e estudos nas férias. Tudo num mesmo lugar.

O tempo parecia ter parado na capital tcheca. Andando por aquelas ruas com prédios velhos do período comunista, com seus castelos medievais, não era difícil imaginar a vida dos seus cidadãos em séculos passados. Eles sabiam preservar como ninguém, a história de seu povo, mantendo-a sempre viva em seu cotidiano.

Durante o dia, mantinham um ritual sagrado puramente acadêmico de visitar pelo menos um museu ou uma vernissage de algum artista famoso. À noite, bebiam nos inúmeros barzinhos ao ar livre, repletos de gente.

Os candelabros acesos das praças, a conversa animada, os sorrisos joviais. Aquilo sim eram férias. Cultura de dia, diversão à noite.

Passado quase um mês conhecendo e “respirando” a cultura de Praga, os três estudantes viram mais museus e fotografaram mais monumentos que muitos de seus professores. Resolveram então, conhecer algumas cidades adjacentes à Praga antes de retornarem ao seu país. Voltariam com uma grande bagagem cultural que lhes serviria em períodos posteriores de seu curso de formação.

Dias antes de viajarem, chegaram à pequena e aprazível cidade de Nymburk, nos arredores de Praga, já sabendo o que iriam visitar. Era uma pacata cidade campestre. Poucos moradores. Muito verde e tranquilidade. Um lugar isolado, bom para descansar.

Hospedaram-se em um albergue numa região afastada do centro, onde a Natureza reinava. O tempo realmente havia parado na pequena Nymburk. Passearam muito e curtiram ao máximo os museus da região.

Voltando para o albergue avistaram um magnífico castelo em estilo gótico todo preto que refletia os raios de sol. Fazia calor. O céu estava limpo e azul. Seus olhos saltaram ao vê-lo. Extasiados, combinaram de conhecê-lo naquele final de tarde, pois partiriam no dia seguinte.

Pediram informações aos moradores sobre o castelo já que na Internet não havia nada a respeito dele. Eles falaram que era um castelo muito antigo na região que datava o século XIII e que pertencera a um excêntrico barão da região que era famoso pelas suas esculturas.

Almoçaram rapidamente e iniciaram o mais fascinante passeio pela República Tcheca. Aproximaram-se da entrada do castelo e viram um portão alto e negro com detalhes em dourado que chamava atenção. Contemplaram uma grama verdinha e bem aparada e altos coqueiros até a entrada do mesmo. Ao fundo, ainda reluzindo ao sol, a maravilhosa construção.

Sem demora, chegaram ao castelo. No hall de entrada, uma belíssima escultura humana feita em mármore negro. Havia uma placa na parte de baixo da escultura com letras douradas. Não puderam decifrar, pois estava escrito em tcheco. Adentraram assim mesmo, pois era um cenário deslumbrante para qualquer amante de Arquitetura, História ou Artes.

O chão era feito do mais puro mármore branco. Era possível ver nitidamente a imagem refletida nele, tamanho era o seu brilho. No teto, lindos abajures gigantesco iluminavam todo o caminho dos entusiasmados estudantes.

As paredes da direita e da esquerda estavam repletas de esculturas feitas de mármore negro. A perfeição dos detalhes era incrível. Curiosamente, todas as silhuetas pareciam agonizantes. Lembraram-se que

alguns professores falaram que muitos artistas medievais inspiravam-se nas circunstâncias em que viveram, como doenças da época que eram incuráveis ou outros momentos de sofrimento ou tristeza. Viam isso realmente acontecer ao perceberem o quão profundo esse artista teria ido para reproduzir com tantos detalhes aquelas figuras.

Sem perceberem, afastaram-se uns dos outros. Repentinamente, o castelo enegrece. Gritos de dor e agonia ecoam nos corredores escuros como a noite. O silêncio impera. Luzes reacendem e mais três esculturas aparecem nas paredes.

Acorrentados para sempre

A pequena e isolada cidade mineira de Miravânia ficou conhecida por possuir, como tantas outras da região, extensas fazendas cafeeiras. Respirava-se história ao caminhar pelas poeirentas e esburacadas ruas e vielas daquela pequena comunidade.

O passado de Miravânia foi marcado pelo sofrimento de milhares de escravos africanos que para lá foram mandados, para trabalharem duro nos cafezais.

Apesar da dureza na roça, a maioria dos escravos não era torturada. Mas havia uma fazenda, em particular, que os negros sofreram as maiores atrocidades jamais vistas pelo homem.

No ano de 1713 em particular, um homem muito rico chamado Manoel Cândido de Albuquerque, vindo da antiga cidade de Vila Rica, comprou uma extensa área em Miravânia e começou a buscar o já escasso ouro que brotava naquela região. Movido pela cobiça, comprou vários escravos, no intuito de usá-los para a extração do tão precioso metal. Entretanto, o tempo passou e ele nunca encontrou uma pedra sequer.

Foram cinco longos anos de tentativa. Os escravos cavaram e cavaram exaustivamente. Irritado, o agora Conde Manoel iniciou meio a contragosto a plantação de café em sua propriedade, para tentar reaver a lucratividade de suas terras.

A vigilância dos escravos ficou a cargo de um perverso capitão-domato chamado Juarez Antunes, conhecido pela crueldade com a qual tratava os escravos de seu senhor.

Além das tradicionais chibatadas que marcavam não só o corpo

como também as almas dos escravos, o conde construiu secretamente uma masmorra com terríveis torturas. Caso o escravo fosse reincidente, era levado para aquele lugar secreto e não voltava nunca mais.

Gritos de dor eram ouvidos ao longe pelos outros escravos que dormiam amontoados nas imundas senzalas. Alguns choravam com tanta crueldade, outros enfureciam-se por dentro, perguntando-se o porquê de tudo aquilo.

Alguns escravos tinham suas mãos decepadas por instrumentos cortantes. Outros eram queimados a ferro, marcando suas peles como se fossem gado. Outros tinham os braços destroçados por uma enorme moenda, que faminta, arrebatava ossos como se fossem de papel. A loucura e o sadismo eram os únicos sentimentos que corriam nas veias do conde e de seu maléfico assecla. A submissão e um medo incomum eram visíveis nos corações e mentes daqueles pobres homens e mulheres.

Os anos se passavam lentos na pequena Miravânia. Com o tempo, o Conde Manoel Cândido morreu e sua fazenda deu lugar a novas habitações populares que brotavam como sementes na terra. A pequena Miravânia crescia e aparecia regionalmente.

Grande parte do povo que ali morava vinha de outras terras, em busca de trabalho ou melhores condições de vida. A própria história se encarregou de apagar do passado, as atrocidades cometidas pelo Conde Manoel. Ninguém ouvia falar mais dele. Era como se ele nunca tivesse existido. Os mais antigos moradores silenciavam-se sobre esse assunto ou permaneciam no anonimato.

Entretanto, a cada anoitecer, os humildes habitantes de Miravânia eram surpreendidos por acontecimentos inusitados. Alguns fatos inexplicáveis começaram a surgir de forma lenta e gradual, como visões de vultos e barulhos ininteligíveis que com o passar do tempo, tornaram-se motivo de sentimentos de puro temor e medo.

As primeiras aparições surgiram para as crianças da cidade, talvez mais suscetíveis aos acontecimentos. Algumas, mais apavoradas, nem conseguiam dormir à noite. Ficavam à espreita, enroladas em seus pesados cobertores, com os olhos bem abertos, ouvidos bem apurados, procurando entender aqueles indecifráveis sons.

Algumas crianças comentavam entre si na única escola da comunidade, os barulhos estranhos que ouviam durante a noite, como passos dentro de casa e correntes sendo arrastadas.

A medida que o tempo passava, mais e mais pessoas começavam a ouvir esses estranhos sons. As casas eram trancadas. Muitas famílias

acreditavam ser um grupo de ladrões ou saqueadores que vinham até as residências à noite para roubar-lhes algo de valor. Os homens se organizavam para proteger o pequeno povoado. Faziam rondas durante toda a noite para garantir proteção de suas famílias. Alguns desapareceram na escuridão e nunca mais foram vistos.

Um grande mistério pairava na isolada Miravânia. Destacamentos policiais de cidades vizinhas foram direcionadas para o longínquo município, já que este não possuía nenhuma força policial.

Após dias de investigação, os policiais nada encontraram. As buscas incessantes se transformaram em tentativas frustradas. Famílias não se conformavam com o sumiço de seus entes queridos. Eram momentos de dor e saudade.

A noite começava a ser um tormento para os moradores da cidadezinha. Um grupo de corajosos jovens dessa região, passou a monitorar aqueles sons que vinham sempre atormentar os cidadãos de Miravânia nas madrugadas frias e silenciosas.

Com o tempo, descobriram a verdade sobre a triste história da cidade mineira. Até então, eles não acreditavam em histórias de fantasmas e almas penadas, mas depois de tomarem conhecimento sobre as perversidades cometidas pelo Conde Manoel começaram a entender com mais clareza, os fatos que ocorriam no município.

Localizaram em uma mata o que parecia ser uma casa abandonada. Devia estar lá há muito tempo. Ninguém na cidade mencionava aquele lugarejo escondido. Muitos moradores apagaram da lembrança, qualquer resquício de conhecimento sobre a fazenda do Conde Manoel e nem se atreviam a andar por aqueles lados.

Mas a casa estava ali, imponente e intacta, como se alguém ainda morasse nela. As janelas de madeira maciça indicavam ser de origem bem antiga. As telhas queimadas pelo sol eram abrigo de camaleões que passeavam por ali constantemente. Havia teias de aranha por toda parte. Um pedaço da história de Miravânia poderia ser contada sem dúvida, ao adentrar aquele ambiente esquecido e abandonado.

Cauteloso, um dos jovens empurrou com força a porta da residência. O tradicional ruído de porta rangendo era evidente. Fazia séculos que ninguém a abria. Mas estavam decididos a desvendar aquele mistério.

A sala era enorme e escura, apesar da luminosidade do espaço exterior. Morcegos revoavam próximo ao teto, com a chegada dos jovens invasores. Não estavam acostumados com a presença humana.

Adentravam mais e mais naquela casa escurecida. Tentaram clarear o ambiente, mas foram incapazes de abrir as pesadas janelas, já que

estavam emperradas por anos sem uso. A curiosidade era tamanha, capaz de esquecer dos perigos que pudessem vir a ocorrer.

Um cheiro estranho cobria o interior da casa. Algo podre ou em decomposição. Apesar do odor desagradável, seguiram em frente, certos que desvendariam aqueles sinistros desaparecimentos.

Subiram um pequeno lance de escadas, levando-os ao segundo andar da residência, parcialmente iluminado, já que nas paredes haviam frestas por onde a luz solar adentrava timidamente. Lá tiveram uma surpresa muito, muito horripilante.

No alto das vigas de sustentação do telhado, os homens desaparecidos estavam lá, pendurados como carne num açougue. Vermes consumiam toda aquela massa putrefata. No chão, restos de sangue e vísceras tingiam a madeira do assoalho.

Uma das jovens do grupo entrou em pânico. Começou a gritar escandalosamente. Os outros procuraram acalmá-la. Decidiram então abandonar aquela casa agora mal-assombrada. O mistério fora solucionado.

Subitamente, escutaram um ranger de porta. Era a porta de saída. Desceram as escadas velozmente, tentando alcançar a tão distante porta. Estarrecidos pararam. Mudos, acompanharam a chegada vagarosa de dois corpulentos homens negros esfarrapados. Suas roupas estavam sujas de sangue. Em seus pés, correntes. Seus olhos não tinham vida. Eram totalmente esbranquiçados e mortos.

Os jovens atônitos acompanhavam um filete de luz do sol sumindo na porta que se fechava lentamente. A casa virara um breu. Na escuridão daquele lugar, os escravos do Conde Manoel levaram os jovens para a masmorra de tortura. Depois de mortos, foram pendurados como os outros, nas vigas de sustentação do telhado. O terrível segredo da pequena cidade de Miravânia jamais seria contado.

O gnomo

Andrew e Phillip são duas crianças que cresceram juntas na pequena cidade de Bantry, no sudoeste da Irlanda.

O pequeno vilarejo, assim como o país em que viviam é cercado por lendas folclóricas sobre duendes e fadas, muito comum no imaginário irlandês.

Bantry possuía no máximo cinco mil habitantes. A maioria dos jovens da cidade depois da formação escolar, procurava emprego em outras regiões da Irlanda, como Cork, Limerick, Londonderry, Belfast, Dublin e até mesmo na longínqua Londres. Não havia muitas opções de emprego na pequena Bantry.

Em um belo dia ensolarado, os dois amigos resolveram passear pelos campos verdejantes da cidade. Passavam horas brincando despreocupadamente. Sua cidade-natal era tranquila e os adultos deixavam as suas crianças livres no convívio com a Natureza.

Andrew e Phillip retornavam para suas casas, caminhando no final de tarde, curtindo um belo entardecer. Junto ao tronco de uma árvore, encontraram um homenzinho engraçado, que vestia uma jaqueta vermelha, calça branca e um chapéu verde.

Curiosos, os meninos se aproximaram dele. A primeira atitude daquela figura era se esconder nos arbustos próximos. Os meninos o procuraram por entre as folhagens, mas este havia sumido instantaneamente.

O sol mergulhava de maneira espetacular ao longe, tornando o céu um espetáculo à parte. Escurecia lentamente na pequena Bantry. Phillip preocupado disse a Andrew que não deviam ficar naquele lugar ao anoitecer, pois segundo a lenda local, os espíritos ruins da floresta saíam à noite em busca de almas inocentes. Retornaram apressados, enquanto a claridade ainda lutava contra a escuridão da noite que se aproximava. Uma brisa suave soprava em seus rostos. Não tinham visto mais aquele homenzinho engraçado e não entenderam como ele podia ter sumido tão rapidamente naqueles arbustos. No dia seguinte, combinaram de retornar à floresta na tentativa de procurá-lo mais uma vez.

Depois da escola, retornaram ao bosque. Brincavam livres, quando ouviram uma voz que soava de um pequeno buraco vindo de uma imensa árvore. Era aquele homenzinho engraçado. Muito curiosa, a figura levantava as suas pequenas mãos pelo buraco e observava os meninos que atentos, também aguardavam que esta aparecesse.

Andrew tentou acalmá-lo dizendo que não o faria mal. Queria apenas olhá-lo mais de perto. Assim, o misterioso homenzinho apresentou-se como Gilbie, o anão da floresta. Espantado, Phillip perguntou-lhe onde ele morava, este disse-lhe que morava no interior da terra e que saía somente no pôr-do-sol ou antes da aurora. Ao que parece, Gilbie não gostava muito do sol. Disse-lhes que ofuscava seus olhos e preferia caminhar pela noite, ouvindo os sons dos animais noturnos. O

pequeno Gilbie acabou pouco a pouco conquistando as crianças.

Gilbie pediu-lhes para que não revelasse sua identidade a nenhum adulto. Caso não contassem, teriam uma vida cheia de riqueza e pompa. Assim, o pequeno anão da floresta enfeitiçou os dois pequenos com aquelas palavras cheias de astúcia e perspicácia. Escurecia em Bantry e os dois meninos voltaram correndo para casa, antes que seus pais pudessem ficar preocupados. Durante semanas, Andrew e Phillip se encontravam com Gilbie secretamente nos fins de tarde. A confiança prometida pelos garotos era a segurança daquele perverso gnomo.

Com o passar do tempo, Andrew e Phillip cresceram e almejavam coisas diferentes. Gilbie prometera a eles qualquer coisa, desde que numa data futura determinada por este, voltaria para cobrar-lhes. prontamente e inocentemente, os dois meninos aceitaram e fizeram um pacto com aquele homenzinho esquisito. Gilbie pediu-lhes que esticassem as mãos para ele e rapidamente o fizeram. O gnomo possuía uma pequena faca. Em questão de segundos, tirou uma gota de sangue do dedo dos garotos e sumiu na floresta, dizendo que voltaria no futuro.

Passaram-se vinte anos. Andrew e Phillip cresceram e se mudaram de Bantry. Foram trabalhar longe dali. Andrew em Baltimore e Phillip em Moscou. Suas vidas então, foram totalmente modificadas desde o encontro com aquela pequena entidade da floresta. Apesar disso, aquele segredo bem guardado quase foi esquecido por eles com o passar do tempo.

Ambos se tornaram homens ambiciosos e poderosos. Possuíam carros, mansões e mulheres. Não havia nada inalcançável para eles. Conseguiram tudo que queriam num estalar de dedos. O destino foi muito bom para eles até aquele momento.

Numa certa noite em Baltimore, Andrew foi deitar e sonhou com o tempo em que era um menino em Bantry. Lembrou de seu grande amigo de infância Phillip e o encontro com Gilbie, o gnomo. Na fria Moscou, Phillip acabara de sair de casa em sua limusine e ia para o trabalho. Cochilou por alguns instantes no banco de trás do majestoso veículo e pode ver o pequeno Gilbie dizendo que o dia se aproximava. Acordou assustado por lembrar daquele anãozinho. Jurou por anos que aquilo era apenas uma visão de criança. Gilbie para ele, não passava de uma ilusão na sua mente de menino quando vivia na Irlanda.

A iniciativa de lembrar do passado foi de Andrew, que diferente de Phillip acreditava na existência e nas palavras do gnomo, que voltaria num momento oportuno para cobrar tudo aquilo que conquistaram ao longo de suas vidas. Mas eles nunca souberam na verdade, o que o

pequeno e malicioso Gilbie queria deles.

Com muito esforço, Andrew encontrou Phillip. Marcaram em Londres, próximo a Trafalgar Square. Quando se viram, abraçaram-se e passaram a tarde juntos, falando de trabalho, conquistas e mulheres. Estavam felizes pelo reencontro. Orgulhavam-se de terem conquistado todos os seus sonhos. Eram financeiramente independentes e se tornaram poderosos empresários.

Durante a conversa, Andrew lembrou a Phillip do pacto que fizeram com o pequeno Gilbie. Phillip estava indignado. Não acreditava que seu amigo de longa data, ainda lembrava duma coisa tão estúpida, tão infantil que acontecera há tanto tempo. Phillip estava decidido a esquecer aquela história maluca de gnomo e outras tantas que seus familiares irlandeses lhes contava para dormir. Ele vivia no mundo real, que era construído com coisas reais, com muito trabalho e dedicação. Ignorou Andrew e tomou um táxi rumo ao Aeroporto de Heathrow. Phillip voltaria para Moscou naquele mesmo dia se possível.

Muito indignado, Andrew nem teve tempo para convencer o amigo a acompanhá-lo até à pequena Bantry, onde foram criados. Pensava com ele mesmo, se aquilo não era loucura. Pensava no que Phillip falara minutos atrás, mas seguiu sua intuição e retornou para sua cidade-natal naquela noite.

Bantry não havia mudado naqueles vinte anos. Parecia a mesma. Parada no tempo, com poucos moradores e o mesmo misterioso bosque ao norte do município. Era para lá que deveria seguir. Era lá que encontraria o enigmático Gilbie.

Andou alguns quilômetros bosque adentro, na esperança de encontrar o gnomo. Nada. Nada daquilo fazia sentido. Acabou adormecendo junto a uma árvore, bem distante do centro de Bantry.

Andrew acordou ouvindo barulhos estranhos, como se fossem vozes gemendo no meio daquela floresta. Espreguiçou-se e seus olhos não acreditaram quando viram milhares de almas presas numa espécie de corrente. Do alto de uma colina verde, pode ver Gilbie. Ele o olhava indiferente. Não falava nada. Andrew achou-o diferente. Tinha muito ódio em seu olhar. Ordenava que criaturas medonhas torturassem aquelas almas.

Preocupado, Andrew percebeu algo estranho. Olhava para suas mãos. Seus olhos podiam ver através delas. Havia virado uma daquelas almas. De repente, uma daquelas criaturas o pega com violência e o joga próximo das outras. Correntes brotavam do chão e apertavam seus tornozelos e braços. Sentia uma dor profunda. Uma melancolia

sem fim. Como num passe de mágica, o prazer de possuir tanto havia se transformado em nada. Seus milhões de dólares não o salvariam daquele inferno em que estava vivendo.

Em sua dor extrema, se perguntava como estaria seu amigo Phillip. Na certa, estaria trabalhando tranquilamente em Moscou, como se nada tivesse acontecido. Ele estaria bem, rodeado por mulheres lindas e esbanjando saúde e vitalidade.

Na fria Moscou, a secretária de Phillip voltava do almoço e estranhou a demora do patrão em sair do escritório. Bateu na porta e ninguém respondeu. Bateu de novo e nada. Finalmente, abriu-a vagarosamente. Seus olhos quase saltaram quando ela viu seu chefe sumindo, evaporando-se, deixando na confortável cadeira em que sentava, apenas suas roupas. O pacto enfim, havia sido cumprido.

O pântano dos esquecidos

No coração da África, mas precisamente no tropical Zaire, governo e rebeldes travam uma sangrenta batalha há décadas pelo poder.

Um grupo de guerrilheiros se prepara para atacar um regimento do governo situado a alguns quilômetros de distância.

Porém, antes de iniciarem o ataque, são surpreendidos por aviões e helicópteros da Força Aérea do Zaire, que lançaram sobre o grupo, dezenas de bombas incendiárias e foguetes.

Correndo rapidamente pela mata, alguns deles conseguiram escapar, se separando do grupo que era alvejado impiedosamente. Na correria para preservarem suas vidas, acabaram escorregando por um úmido desfiladeiro, caindo num remoto pântano jamais conhecido pelo homem.

Aquele lugar parecia surreal. Árvores esqueléticas e imensas se confundiam com a densa névoa esbranquiçada que pairava sobre aquele curioso e desconhecido ambiente.

O comandante do grupamento, um jovem major de infantaria, seria agora, o militar responsável pela vida daqueles homens. Sua missão não era mais combater o governo do Zaire e sim, encontrar o caminho de volta para casa.

O pântano tinha um forte cheiro de enxofre e era impossível enxergar mais de cinco metros à frente devido a presença daquela névoa

enigmática. Seus olhos ardiam. Nuvens de mosquitos sugavam vagarosamente o sangue dos soldados como se fosse um néctar saboroso.

As águas escuras exalavam um odor fétido e borbulhas na água amarronzada e podre, fazia aflorar gás metano até a superfície.

Horas caminhando, a tropa resolve parar sobre um pequeno platô, onde podiam visualizar a vastidão daquele misterioso lugar.

Uma garoa caía fina sobre os presentes e rapidamente a temperatura local despencava para patamares jamais vistos em todo o Zaire.

A tarde vinha de mansinho e logo os recrutas perceberam que não eram os únicos seres vivos daquele sinistro local. Um vento frio e constante, soprava no pântano, fazendo balançar ruidosamente os grossos troncos apodrecidos daquelas enormes árvores que os circundavam. Parte da névoa então dissipara e assim puderam acelerar a sua marcha, buscando um lugar mais seguro. Haveria lugar seguro naquele nefasto pântano?

Escurecia rapidamente. Sons grotescos vindos de todos os lados, deixavam os soldados alertas, prontos para um possível enfrentamento.

Caminharam mais alguns quilômetros até encontrarem uma pequena ilha pedregosa. Curiosamente, naquela ilha havia um carro muito antigo de cor amarelada e parcialmente enferrujado pelo tempo. Como poderia estar ali?

Com os olhos pesados de cansaço, alguns se abrigaram dentro do carro, enquanto outros se encostaram ao redor deste. Rapidamente adormeceram.

Pela manhã, sentiram falta de um dos combatentes e não tardaram em procurá-lo. O desespero crescia naquela manhã fria e silenciosa.

Andando mais alguns metros, encontraram o fuzil usado pelo jovem recruta, repleto de sangue e vísceras. No alto de uma árvore próxima, avistaram somente a metade do corpo do rapaz, que no momento era disputado por gigantescos lagartos. Eles rasgavam a carcaça do soldado com fúria. Suas frentes e narinas avermelhadas de sangue comprovavam a fome insaciável que sentiam. O jovem major atirou nos bichos que nada sentiram, mas instantaneamente abandonaram a árvore, devido ao barulho das armas.

O barulho provocado pelo armamento fez despertar uma horrenda criatura que habitava as profundezas daquele pântano. Os tentáculos do monstro surgiam em todas as direções. Eram tentáculos mortais. As ventosas existentes naqueles terríveis tentáculos possuíam pequenos dentes afiados que arrancavam vagarosamente a pele e a carne dos soldados apavorados.